

Oração – caminho para a comunhão com Deus, com o próximo e consigo mesmo

Raimundo Martins Ferreira <martinsraimundo@yahoo.com.br>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – O sucesso na realização de tarefas voltadas para o bem comum, passa pela comunhão com Deus, com o próximo e consigo mesmo. Entretanto, as pessoas têm dificuldades para alcançar essa comunhão. Como superar essas dificuldades? O caminho indicado neste artigo é a oração. Mas, *a priori*, há algo que deve ser solucionado: definir claramente os termos comunhão e oração, que são demonstrados nas seções que têm esses títulos e que são alcançados com a análise de passagens do Antigo e Novo Testamentos e de obras espíritas. Nessas análises é demonstrada a necessidade que a pessoa tem de conhecer a si mesma e de praticar os ensinamentos espíritas-cristãos, destacando a vivência do amor a Deus e às suas criaturas. Como conclusão dessas práticas, a pessoa alcança os três tipos de comunhões, utilizando a lei de amor e liberdade, ciente de que, é sua responsabilidade por tudo o que faz ou que poderia fazer e não fez. Deve agir como um trabalhador vigilante e sempre utilizar a oração nas situações que julgar necessário.

Palavras-chave – Comunhão. Oração. Deus. Amor. Antigo testamento. Novo testamento.

Submetido em 14/10/2021

Aprovado em 09/11/2022

1 INTRODUÇÃO

No estudo e análise de uma organização, alguns elementos se destacam pela sua contribuição em transmitir o seu significado básico. Assim, quando se fala sobre organização, se referindo à sua criação ou ao seu desenvolvimento, a questão que surge é a respeito de seu objetivo principal. Para as organizações onde destaca o futuro de seus participantes como um dos aspectos principais, o seu objetivo tem grande possibilidade de ser o desenvolvimento profissional dessas pessoas. Um outro aspecto importante é a construção ou manutenção de um ambiente de trabalho harmônico, onde cada participante se esforça para realizar o seu melhor, incluindo aí, o bom relacionamento entre as pessoas. Com a compreensão da importância desses dois aspectos, por todos os envolvidos nos trabalhos da instituição, o crescimento significativo de cada um deles tem grande probabilidade de ser atingido.

Os seres humanos, embora tenham sido criados da mesma maneira, simples e ignorantes [1], o seu desenvolvimento moral e intelectual difere de pessoa para pessoa. Para se trabalhar em um ambiente favorável ao desenvolvimento do seu potencial, é necessário que, em uma organização espírita, seja sempre enfatizado a importância de que haja um bom relacionamento entre os seus participantes. Nesse relacionamento, não ignorar o papel da comunhão que deve haver entre cada membro e Deus, entre os membros conjuntamente e cada membro consigo mesmo. Isso surge porque o trabalho no bem é predominantemente coletivo, onde as pessoas encarnadas e desencarnadas trabalham solidariamente, com o apoio do Pai Maior.

No trabalho coletivo, cada participante demonstra suas virtudes, adquiridas ao longo das muitas existências. Mas, há muitas limitações, exteriorizadas por dificuldades, que precisam ser superadas. E, são nessas limitações que a comunhão com Deus, com o outro e consigo mesmo são dificultadas.

O caminho utilizado no presente trabalho para enfrentar as limitações e fortalecer as virtudes, é a oração. A oração que aproxima o homem da fonte da sabedoria, Deus [2], e auxilia o próximo e a

si mesmo, a desenvolver a prática das virtudes. Ela modifica ambientes adversos, tornando-os propícios para o desenvolvimento do trabalho no bem.

Assim, neste trabalho será tratado, como ponto fundamental, a seguinte questão: como a oração contribui para a comunhão com Deus, com o próximo e consigo mesmo?

2. COMUNHÃO

Nesta seção será abordado o tema comunhão, seu significado, exemplos e dificuldades para colocá-la em prática corretamente.

Utilizando observações feitas por Monloubou [3], a respeito do tema, segue, selecionado e organizado o uso de comunhão no Antigo e Novo Testamentos [4].

No Antigo Testamento, comunhão refere-se a uma totalidade feliz, sem possibilidade de existir algum traço de infelicidade. É partilhada com várias pessoas, sendo, portanto, baseada em relações. No Salmo 122, 8 – 9, de David, veremos:

Por causa dos meus irmãos e dos meus companheiros,
Direi: “A paz esteja contigo!”
Por causa da casa do Senhor nosso Deus,
Quero a tua felicidade.

Observa-se, aí, a comunhão existente entre David e os outros, e Deus. A comunhão consigo mesmo é subentendida.

Em Isaías, 27,5, é destacado:

E aquele que me tomar como baluarte,
comigo fará a paz,
fará a paz comigo.

O autor ao se referir à vinha do Senhor, destaca a sua condição para que a comunhão da paz se faça com alguém.

Ezequiel, 37, 26 - 27, mostra a relação entre Deus e o povo de Israel: *“Firmarei com eles uma aliança de paz, será uma aliança perene com eles. Eu os estabalecerei, multiplicá-los-ei. Estabalecerei o meu santuário no meio deles para sempre. Minha morada estará junto deles; serei para eles Deus, e eles serão para mim um povo”*.

Nessa passagem, a perenidade é uma característica da comunhão e isso só será possível se as pessoas praticarem e viverem a paz mencionada.

No Novo Testamento, são apresentados vários exemplos sobre a comunhão com Deus e com os outros. Há situação também, em que a comunhão não pode ser aplicada, devido a prática do uso de vícios pelos participantes. Entretanto, isso pode ser corrigido quando esses vícios forem substituídos por virtudes.

João contribui com várias passagens importantes para o entendimento sobre comunhão. Assim, em João: 14,10, Jesus afirma: *“Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, eu não as digo por mim mesmo. Pelo contrário, é o Pai que permanecendo em mim realiza as suas próprias obras”*.

Nessa afirmativa de Jesus, a comunhão dEle com o Pai, atinge um grau elevado de vivência nesse tipo de experiência. É o que se espera que todos que comungam com o Pai, possam atingir.

Em João 15, 4-5,

Permanecei em mim como eu permaneço em vós! Do mesmo modo que o sarmento não pode produzir fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a vinha, vós sois os sarmentos: aquele que permanece em mim e no qual eu permaneço, esse produzirá fruto em abundância, pois, separados de mim, nada podeis fazer.

Jesus demonstra a seriedade da comunhão com Ele e com o Pai. A esse respeito, se pode acrescentar o esforço que cada cristão precisa envia para atingir esse nível de comunhão.

Em João 15, 9-12, Jesus afirma:

Assim como o Pai me amou, também eu vos amei: permanecei no meu amor, como, observando os mandamentos do meu Pai, eu permaneço no seu amor.

Eu vos disse isso para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja perfeita [em plenitude]. Eis o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

Nessa passagem, a comunhão se dá com Deus, com Jesus e com outros. O amor é o grande elemento para que a comunhão se realize.

Na Carta de Tito, 1,1-4, o autor assim se expressa a respeito de Paulo:

Paulo, servo de Deus, apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade conforme à piedade, na esperança da vida eterna prometida, antes dos tempos eternos, pelo Deus que não mente e que, nos tempos fixados, manifestou a sua palavra numa mensagem que foi confiada, de acordo com a ordem de Deus, nosso Salvador.

Tito, meu verdadeiro filho na fé que nos é comum: graça e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador.

Na passagem, Tito demonstra a comunhão da fé entre ele e Paulo e essa fé, conseqüentemente, se estende a comunhão com Jesus Cristo e Deus.

Na Carta aos Filipenses 2, 1, Paulo assim se dirige àquele povo:

Se há, pois, em apelo em Cristo, um encorajamento no amor, uma comunhão no Espírito, um impulso de afeto e compaixão, então cumulai a minha alegria vivendo em pleno acordo. Tende um mesmo amor, um mesmo coração; procurai a unidade; nada façais por rivalidade, nada por vanglória, mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós. Que cada um não olhe só para si mesmo, mas também pelos outros. Comportai-vos entre vós assim, como se faz em Jesus Cristo.

Nessas palavras de Paulo, há um apoio seu à comunhão de sentimentos - amor e humildade, entre os filipenses, e que se estende a Jesus e a Paulo. Paulo, todavia, demonstra seu cuidado aos filipenses para não se desviarem para o egoísmo e para o orgulho.

A Primeira Carta de João 1, 3-4, o autor assim se expressa: *“O que vimos e ouvimos nós vo-lo anunciamos, também a vós, para que vós também estejais em comunhão conosco. E nossa comunhão com o Pai e com seu filho Jesus Cristo. E isto vos escrevemos para que nossa alegria seja completa”*.

Pelo texto, observa-se que a comunhão envolve os cristãos, a quem o autor se dirige, a ele mesmo, a Deus e ao Cristo. Mas, um elemento muito importante surge: a completa alegria de João, com o entendimento dos cristãos.

Abaixo é apresentada uma definição de comunhão, com a contribuição do que são registrados nos excertos do Antigo e do Novo Testamentos, apresentados e analisados acima. É uma definição que vai um pouco além daquelas apresentadas por Ferreira e por Camargo. Ferreira define comunhão como *“conjunto daqueles que comungam os mesmos ideais, crenças ou opiniões”* [5] enquanto Camargo

afirma que comunhão é a “*correspondência íntima entre dois ou mais indivíduos identificados num determinado propósito*” [6].

Comunhão, para o propósito deste trabalho, é o pensamento comum e elevado dos componentes de um grupo ou de uma comunidade, na realização de um bem geral e sob a orientação do Pai Maior.

Para atender a requisitos oriundos da definição de comunhão apresentada para este trabalho, é necessário que cada pessoa vença as suas próprias limitações. Dentre essas limitações, existem aquelas apresentadas por Ermance Dufaux, no seu livro *Mereça ser feliz*.

No referido livro, Ermance Dufaux, escolheu o problema da vaidade para ser analisado. Destaca no parágrafo abaixo, o que é comum entre os homens, mas, difícil de ser superado. Assim se refere a autora:

O perfil moral dos habitantes da Terra guarda uma feição comum que é a necessidade de valorização e reconhecimento pessoal, o que seria muito natural não fosse nossa paixão no egoísmo. No entanto essa necessidade tem constituído uma tormenta social: considerando que todos querem ser prestigiados, quem ficará para prestigiar? [7]

A questão não está na valorização da pessoa. Afinal, quem tem demonstrado esforço e competência na realização de seus deveres, pode receber reconhecimento pelos superiores ou por outras pessoas. O problema, entretanto, reside em alimentar a expectativa de que cumprindo um dever que exigiu esforço e dedicação para a sua realização, deva receber o devido elogio. Se tal não acontecer, pensamentos contrários a seu próprio bem ou ao bem daquele que “deveria” elogiar, podem surgir. E se tal atitude se tornar frequente, temos a constituição de um vício que poderá se tornar difícil de ser vencido.

Entretanto, vencer um vício que iniciou há algumas existências, requer boa vontade. A pessoa até admite que tem limitações para eliminar ou diminuir determinados vícios, mas, sente que em várias situações é incapaz de ser bem-sucedido nas suas tentativas. O que fazer? A quem solicitar ajuda?

Terapias especializadas são utilizadas; livros sobre o assunto são consultados para se identificar a melhor maneira para vencer o desafio. Mas, a aparente solução é apenas uma garantia de que o problema continua ainda forte. Recorre-se, então, à oração ao Pai Maior ou aos espíritos que o auxiliam, uma vez que agora se está lidando com a fonte maior da sabedoria e do amor.

3. ORAÇÃO

Mas, o que é oração? Para responder a esta pergunta, serão mostrados aspectos importantes relacionados a este tema, oriundos de três autores espíritas. O objetivo deste procedimento, portanto, é extrair elementos que poderão compor uma definição de oração, que auxilie o autor do presente trabalho a responder à questão orientadora dele.

André Luiz, na sua apresentação sobre oração, destaca o papel do reflexo condicionado, que ele define como “*ação independente da vontade que se segue, imediatamente, a uma excitação externa*” [8], capaz de estabelecer a sintonia entre a pessoa que ora e Deus. Isso se dá, naturalmente, quando o que ora está vigilante para evitar influências do meio, representadas por encarnados e desencarnados, em estado de desequilíbrio. Além disso, aquele que ora deve se educar para, também, enfrentar com sucesso, aquelas dificuldades que são produtos das suas próprias más tendências, conseguindo, desta maneira, se harmonizar com o elevado mundo espiritual. Assim, o estudo e o esforço para viver o bem devem ser uma constante na existência de quem ora, a fim de que o seu contato com o Plano Maior seja bem-sucedido.

Emmanuel inicia o seu trabalho sobre oração, definindo-a: “*divino movimento do espelho de nossa alma no rumo da Esfera Superior, para refletir-lhe a grandeza*” [9]. Vê-se que a pessoa utiliza

o que tem de melhor para se dirigir a Deus, uma vez que irá receber a luz divina que a faz se identificar com o Pai Maior. Nesse processo de oração, a Divindade abre ao solicitante do bem o caminho que precisa percorrer para atingir ao seu objetivo.

Bezerra, por outro lado, destaca como ponto básico do seu texto que *“a partir do instante em que procurarmos a quietude com Deus, e estabelecermos um vínculo de amor com a Divindade, nossa vida será um ato de oração”* [10]. Essa quietude significa concentração exclusivamente no Pai Maior, criando um total desligamento de toda preocupação que possa criar algum tipo de desequilíbrio a quem ora. É o homem abrindo espaço, antes ocupado por suas preocupações, para que Deus o ocupe. Com isso passa a ser estabelecido uma perfeita identificação entre o que ora e o Pai.

Com as três apresentações acima, se pode afirmar que oração é um ato de fé, onde a pessoa se liga ao Criador, estabelecendo um processo de comunhão, não apenas com Ele, mas, também, com o seu próximo e consigo mesmo.

Nesse processo de comunhão, as tarefas sob a responsabilidade de um grupo ou comunidade atingem um nível elevado de qualidade, e seus participantes, tanto encarnados quanto desencarnados, experimentam um forte desenvolvimento espiritual. Assim, o ambiente onde as atividades são desenvolvidas, progride, oferecendo aos que lá se encontram, um excelente clima de paz e harmonia.

4. APRENDIZADOS

Na apresentação do Plano Anual de Atividades (PAT) de 2021, acontecida em 28 de março deste mesmo ano, foi lida e comentada a mensagem do Espírito Carlos Theodoro Gonçalves, intitulada “Se comungais com o Bem, sereis solidários”. Esta mensagem havia sido recebida em 28 de fevereiro de 2021, pela médium Joselita Nobre, na reunião do Conselho de Representantes da Fundação Allan Kardec (FAK), ocasião em que foi aprovado o Relatório Anual de Atividades (RAT) de 2020.

Com o intuito de se obter a melhor compreensão possível do termo comunhão e sua aplicação no meio espírita, a mensagem foi estudada na Diretoria de Apoio ao Trabalhador (DAT), atividade do Pronto Socorro (PS) de domingo, a partir de 04 de abril de 2021, com duração de trinta minutos. No estudo, foram incluídas colaborações de autores espíritas como Humberto de Campos (Boa Nova, capítulo 19), Allan Kardec (Revista Espírita, dezembro de 1868, O Livro dos Médiuns, item 341, O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XXVII, item 5), Ermance Dufaux (Mereça ser feliz, capítulos 12 e 18) e Bezerra de Menezes (Em nome do amor, mensagem O hábito da oração). O referido estudo foi concluído em 29 de agosto de 2021.

Neste item – Aprendizados, está sendo acrescentado o primeiro parágrafo, relacionado à experiência nos estudos acima mencionados.

Durante aquele período de estudos, senti que os participantes progrediram na sua atitude cristã, quando episódios da vida de trabalhadores, como problemas físicos que levaram a desencarnação e problemas financeiros que causaram descontrole na família. À proporção que os membros do grupo apreciavam a situação crítica, eles agiam com mais serenidade e fé em Deus.

Por outro lado, na preparação do presente artigo, a compreensão da comunhão com Deus, com o próximo e consigo mesmo ficou mais leve, mais clara, e sua aplicação nas atividades diárias parece ter aumentado a sua frequência.

A compreensão do papel da comunhão e da oração, enriqueceu, grandemente, a possibilidade de o trabalhador contribuir significativamente nos seus trabalhos na FAK, em 2021, bem como, de alcançar um desenvolvimento moral maior.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo fato da oração se referir à ligação com o Pai Maior, não admitindo qualquer distração que venha prejudicá-la, e que, a comunhão de pensamento, onde se inclui “*a unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração*” [11] elas são necessárias para que o homem seja bem-sucedido na tarefa que se propõe a realizar. A oração e a comunhão têm, ainda, um aspecto bem importante, que é contribuir para o desenvolvimento espiritual dos que as praticam, pois neste processo estão presentes as práticas de virtudes como a caridade, a fraternidade e o amor.

Kardec ao se referir à importância do ambiente para que se realize um bom trabalho mediúnico, apresenta as seguintes condições, que se referem as condições morais dos participantes encarnados:

- Perfeita comunhão de vistas e de sentimentos;
- Cordialidade recíproca entre todos os membros;
- Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- Um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinamentos dos Espíritos e do aproveitamento de seus conselhos. Quem esteja persuadido de que os Espíritos superiores se manifestam com o fito de nos fazerem progredir, e não para nos divertirem, compreenderá que eles necessariamente se afastam dos que se limitam a lhes admirar o estilo, sem nenhum proveito tirar daí, e que só se interessam pelas sessões, de acordo com o maior ou menor atrativo que lhes oferecem, segundo os gostos particulares de cada um deles. [...] [12] (*O livro dos médiuns*, q. 341).

O quadro acima, apresenta claramente que, para haver verdadeira comunhão com os pares e consigo mesmo, há necessidade de que se pratique certas virtudes como cordialidade, caridade e vontade de crescimento espiritual. Por outro lado, se pode acrescentar Fraternidade, que é uma virtude que mantém um forte suporte para que haja comunhão com Deus e com o próximo.

Emmanuel afirma que a fraternidade “*é uma lei da assistência mútua e da solidariedade comum, sem a qual todo o progresso, no planeta, seria praticamente impossível*” [13]. Praticada por todos os participantes de um trabalho voltado para o bem, a fraternidade assegura serenidade nas decisões tomadas por cada membro do grupo, confiança em Deus de que o melhor sempre se realiza, e que todos estão alcançando o nível de desenvolvimento moral possível.

Finalmente, há a necessidade de praticar o amor, como a virtude que assegura definitivamente, além da comunhão com Deus e com o próximo, a comunhão consigo mesmo. A comunhão consigo mesmo se exterioriza pela decisão de conhecer-se a si mesmo, com o fim de se elevar, rumo à Divindade.

A respeito desse processo de autoconhecimento, Dufaux admite que o importante não é apenas querer conhecer-se, mas, “*enfrentar seu mundo interior, admitir para si a natureza de seus sentimentos, estudar as reações perante a vida [...]*” [14]. Acrescenta ainda que

Na medida em que vamos descobrindo o desconhecido mundo de nós mesmos, vamos ganhando autonomia, paz, felicidade, porque passamos a encetar a caminhada consciente da evolução, senhores do eu, capacitando-nos para a liberdade responsável em todas as direções do existir. [15]

Emmanuel reforça essa posição de Dufaux quando trata do *amor a nós mesmos*, que o considera como uma questão de *iluminação íntima*. Emmanuel afirma

O amor a nós mesmos deve ser interpretado como a necessidade de oração e de vigilância, que todos os homens são obrigados a observar. [...] Esse amor, portanto, deve traduzir-se em esforço próprio, em autoeducação, em observação do dever, em obediência às leis de realização e de

trabalho, em perseverança na fé, em desejo sincero de aprender com o único Mestre, que é Jesus Cristo. [16]

Nos diferentes tipos de comunhão mencionados neste trabalho, não há como ignorar a importância da oração a Deus, Pai de todos aqueles que residem na Terra e em todos os orbes. A oração é o que assegura a implementação das ações planejadas por diferentes grupos ou comunidades. É o que auxilia os participantes de um trabalho a se manterem equilibrados, serenos e eficientes, agindo em um ambiente alegre e harmônico. Em suma, é a oração, baseada essencialmente no amor, o verdadeiro caminho para que haja comunhão com Deus, com o próximo e consigo mesmo.

6. REFERÊNCIAS

- [1] KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93.ed. 1. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013. q. 115.
- [2] XAVIER, Francisco C. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 17.ed. Brasília: FEB, 1987. cap. 19. – *Comunhão com Deus*.
- [3] MONLOUBOU, Louis e DU BUIT, F.M. *Dicionário bíblico universal*. Petrópolis: VOZES, 1996.
- [4] BÍBLIA - TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: LOYOLA, 1994.
- [5] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: NOVA FRONTEIRA, 1999.
- [6] CAMARGO, Pedro de. *O mestre na educação*. 3.ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1977. cap. 1. – *Mestre e salvador*.
- [7] OLIVEIRA, Wanderley Soares de. *Mereça ser feliz*. Pelo Espírito Ermance Dufaux. 7. ed. Belo Horizonte: INEDE, 2004. cap. 18. – *Vício de prestígio*.
- [8] XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. 4. Imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 25. – *Oração*.
- [9] XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 19. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2018. cap. 26. – *Oração*.
- [10] FRANCO, Divaldo Pereira. *Em nome do amor*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. 1. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2012. Terceira parte, mensagem *O hábito da oração*.
- [11] KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. 1. imp. Brasília: FEB – DEZ.1868. *Sessão anual comemorativa dos mortos*.
- [12] KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 60. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1993. q. 341.

- [13] XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. q. 349.
- [14] OLIVEIRA, Wanderley Soares de. *Mereça ser feliz*. Pelo Espírito Ermance Dufaux. 7. ed. Belo Horizonte: INEDE, 2004. cap. 12. – *Interiorização*.
- [15] OLIVEIRA, Wanderley Soares de. *Mereça ser feliz*. Pelo Espírito Ermance Dufaux. 7. ed. Belo Horizonte: INEDE, 2004. cap. 12. – *Interiorização*.
- [16] XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. q. 351.